

X Congreso Latinoamericano de Ciencia Política

Impacto das redes sociais no comportamento eleitoral:

o caso do Rio de Janeiro em 2018

Eje: Comunicación política, opinión pública y redes sociales

Antônio Mariano¹ e Yasmin Curzi²

Resumo

As redes sociais têm sido muito utilizadas na comunicação eleitoral desde o início desta década. Apresentam um papel cada vez maior de influência neste palco, mas há, ainda, dúvidas acerca da real eficácia sobre o eleitorado: como avaliar o papel das redes na produção de novas candidaturas? Tomando o Rio de Janeiro como exemplo, o presente estudo procura apontar uma possível inflexão provocada pelo papel das redes sociais. No ano de 2018, o eleito acabou sendo Wilson Witzel (PSC), ex-juiz e sem passado político, cujo desempenho eleitoral surpreendeu analistas políticos, que, a despeito de variações nas estatísticas das pesquisas de intenção de votos, majoritariamente, estavam apostando em um segundo turno entre dois candidatos já bastante conhecidos pela população fluminense: o ex-jogador de futebol e senador, Romário (Podemos) e o ex-prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (Democratas). Este estudo procura explorar o papel das redes sociais na campanha de Witzel e quais foram os discursos ativados para assegurar o seu bom desempenho nas eleições.

¹ Antônio Mariano é graduado em Ciências Sociais pelo CPDOC/FGV, mestre em Administração Pública pela Ebape/FGV e, atualmente, doutorando em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV e assessor legislativo na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

² Yasmin Curzi é graduada em Direito e Ciências Sociais pela FGV-Rio, mestre em Ciências Sociais pela PUC-Rio e, atualmente, doutoranda em Sociologia pelo IESP/UERJ e pesquisadora do Centro de Tecnologia e Sociedade da FGV Direito Rio.

Introdução

A corrida eleitoral de 2018, no Brasil, foi marcada por surpresas, com a eleição de diversos atores de fora do sistema político tradicional. Foi constatada uma surpreendente renovação nas assembleias estaduais^{3,4,5}, passando pela Câmara dos Deputados⁶, Senado Federal⁷, Governadores e, por fim, pelo próprio posto de Presidente da República, com a eleição de Jair Bolsonaro – que apesar de ter carreira como Deputado por sete mandatos, nunca foi um personagem de expressão e relevo dentro do Congresso Nacional.

Alguns autores⁸ têm afirmado que este fato se deu pelo esgarçamento das instituições políticas devido às contínuas denúncias de corrupção, vinculadas à Lava-Jato. Assim, não foram raras as vezes em que, na construção destas novas candidaturas, se fez presente o mote da renovação e um caráter "antissistêmico".

O combate ao "petismo"⁹ foi também bastante recorrente em tais campanhas. As dinâmicas regionais, sobretudo durante o segundo turno foram um reflexo da disputa para o Governo Federal: aglutinaram-se em dois polos opostos críticos do Partido dos Trabalhadores e críticos do então candidato e hoje presidente, Jair Bolsonaro (PSL). Uma possível "Onda Bolsonaro" teve como efeito em alguns estados a conformação de cenários que causaram

³ LEITE, Fabio. "Puxada por nanicos, renovação na Assembleia Legislativa de SP chega a 55%". **UOL Notícias**. 08 out. 2018. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/agencia-estado/2018/10/08/puxada-por-nanicos-renovacao-na-assembleia-legislativa-de-sp-chega-a-55.htm> (Acessado em 9 de julho de 2019)

⁴ NUÑEZ, Diego. "Renovação na Assembleia Legislativa Gaúcha chega a 56%". **Jornal do Comércio**. 08 out. 2018.

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/politica/2018/10/651647-renovacao-na-assembleia-legislativa-gaucha-chega-a-56.html (Acessado em 9 de julho de 2019)

⁵ "Metade da Alerj será substituída em 2019". **O Fluminense**. 08 out. 2018. Disponível em:

<http://www.ofluminense.com.br/pt-br/pol%C3%ADtica/metade-da-alerj-ser%C3%A1-substitu%C3%ADa-em-2019> (Acessado em 9 de julho de 2019)

⁶ SILVEIRA, Wilson & MIRANDA, Thiago. "Câmara tem 243 deputados novos e renovação de" 47,3%".

Câmara dos Deputados. 08 out. 2018. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/564034-CAMARA-TEM-243-DEPUTADOS-NOVOS-E-RENOVACAO-DE-47,3.html> (Acessado em 9 de julho de 2019)

⁷ REDAÇÃO. "Eleições: Senado tem a maior renovação da sua história". **Senado Federal**. 08 out. 2018.

Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/10/08/eleicoes-senado-tem-a-maior-renovacao-da-sua-historia> (Acessado em 9 de julho de 2019)

⁸ v., por exemplo, LEITE, Paulo Moreira. **A outra história da Lava-Jato: uma investigação necessária que se transformou numa operação contra a democracia**. Geração Editorial, 2015.

⁹ TELLES, Helcimara. A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protesto antigoverno. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, n. 19, 2016.

absoluta surpresa¹⁰, tanto para parte do eleitorado, como para analistas políticos, como nos casos do Rio de Janeiro e Minas Gerais, com Wilson Witzel (PSC) e Romeu Zema (Novo) – respectivamente, ambos possuíam pouca expressividade¹¹¹² na maioria das pesquisas divulgadas durante todo o primeiro turno.

Diante desse cenário, o presente estudo procurou compreender a mudança no comportamento eleitoral, evidenciada pelos resultados distantes do esperado e do que era previsto por analistas políticos e pelas pesquisas de opinião. Partimos da hipótese de que as redes sociais foram o motor desta alteração nos pleitos, tendo em vista que houveram alterações na legislação eleitoral, as quais favoreceram¹³ intensamente a utilização de tais ferramentas e, a ausência de legislação e regulações específicas para o uso das redes, em relação aos meios de comunicação tradicionais, como a televisão e o rádio¹⁴.

Desde os anos 2000, as redes sociais têm sido popularizadas no Brasil, com um contingente considerável conectado a elas¹⁵. A difusão de conteúdos pelas redes sociais possui rápida absorção, visto que uma peça publicitária pode ser produzida e veiculada em questão de minutos em plataformas como Facebook e Twitter. Tal celeridade não é possível nos meios tradicionais.

Nesta esteira, o presente artigo busca compreender melhor o uso das redes sociais na eleição passada, mais especificamente para o cargo de Governador do estado do Rio de

¹⁰ BRANCO, Leo. “As grandes surpresas das eleições 2018”. **Revista Exame**. 08 out. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/as-grandes-surpresas-das-eleicoes-2018/>. (Acessado em 9 de julho de 2019)

¹¹ G1 RIO. "Pesquisa Ibope no Rio de Janeiro : Paes, 23%, Romário, 20%, Garotinho, 12%". **G1**. 10 set. 2018.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/09/10/pesquisa-ibope-no-rio-de-janeiro-paes-23-romario-20-garotinho-12.ghtml> (Acessado em 9 de julho de 2019)

¹² G1 MG. "Pesquisa Datafolha de 22 de agosto para governador de MG por sexo, idade, escolaridade, renda, ocupação, religião e raça". **G1**. 22 ago. 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2018/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-de-22-de-agosto-para-governador-de-mg-por-sexo-idade-escolaridade-renda-ocupacao-religiao-e-raca.ghtml> (Acessado em 9 de julho de 2019)

¹³ RIBEIRO, Jefferson. “WhatsApp fica sem regulação para o período eleitoral”. **O Globo**. 07 mar. 2018.

Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/whatsapp-fica-sem-regulacao-para-campanha-eleitoral-22463040> (Acessado em 9 de julho de 2019)

¹⁴ No Brasil a propaganda eleitoral veiculada na televisão e no rádio é regida pela Lei 9.504/1997, permitindo que os partidos e candidatos possam se fazer valer destes meios de comunicação, sem gastos para as campanhas.

¹⁵ DINO. "62% da População Brasileira está Ativa nas Redes Sociais". **Revista Exame**. 19 out. 2018.

Disponível em:

<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/62-da-populacao-brasileira-esta-ativa-nas-redes-sociais/> (Acessado em 9 de julho de 2019).

Janeiro. O eleito, no segundo turno, foi Wilson Witzel (Partido Social Cristão, PSC), que renunciou a carreira de juiz federal para concorrer ao pleito. Na última pesquisa¹⁶ do Instituto Ibope Inteligência do primeiro turno, Witzel aparecia com 39% das intenções de voto, enquanto seu principal adversário, Eduardo Paes¹⁷, aparecia com 21%. Para efeitos de comparação, na primeira pesquisa¹⁸ do mesmo instituto, Romário Faria¹⁹, Eduardo Paes e Anthony Garotinho²⁰ apareciam com 14%, 12% e 12%, respectivamente. Witzel pontuava apenas 1% nas intenções de voto em 20 de agosto, data de publicação da referida pesquisa. Por fim, Witzel foi eleito com 59,87% dos votos válidos, contra 40,13% de Eduardo Paes, surpreendendo todas as análises políticas até então.

Metodologia

O estudo aqui desenvolvido procurou entender o papel das redes sociais no comportamento eleitoral, tendo como estudo de caso a eleição de Wilson Witzel (Partido Social Cristão — PSC) para governador do Estado do Rio de Janeiro em 2018. A análise se justifica pela visualização de uma mudança no padrão histórico das eleições no estado, tendo em vista o quadro de partidos e políticos que figuravam como hegemônicos ao longo das últimas três décadas. Para entender os fatores que provocaram o alavancamento da candidatura de Witzel, procuramos alcançar quais os principais discursos que estavam sendo ativados no Twitter, tendo o nome de Wilson Witzel como menção.

Coletamos uma amostra de cerca de 1000 tuítes para o período de 01 de outubro a 31 de outubro, com menções ao nome do candidato, via *Application Program Interface* (API) que permite a recuperação de dados históricos, e analisados qualitativamente os 50 mais

¹⁶ Ibope Inteligência. "No Rio de Janeiro, Wilson Witzel dispara e disputa segundo turno com Eduardo Paes. No Senado, Flávio Bolsonaro é eleito e Cesar Maia ocupa a segunda vaga". 07 out. 2018. **Ibope Inteligência**. Disponível em:

<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/no-rio-de-janeiro-wilson-witzel-dispara-e-disputa-segundo-turno-com-eduardo-paes-no-senado-flavio-bolsonaro-e-eleito-e-cesar-maia-ocupa-a-se/> (Acessado em 23 de junho de 2019)

¹⁷ Partido Democratas (DEM), ex Prefeito do Rio de Janeiro entre 2009 e 2016.

¹⁸ Ibope Inteligência. "Empate triplo entre Romário, Eduardo Paes e Garotinho marca início da disputa pelo governo do estado do Rio de Janeiro". 20 ago. 2018. **Ibope Inteligência**. Disponível em: <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/empate-triplo-entre-romario-eduardo-paes-e-garotinho-marca-inicio-da-disputa-pelo-governo-do-rio-de-janeiro/> (Acessado em 23 de junho de 2019)

¹⁹ Partido Podemos (PODE), atual Senador da República e ex jogador de futebol da Seleção Brasileira de Futebol.

²⁰ Partido Republicano Progressista (PRP) e ex governador do estado do Rio de Janeiro entre 1999 e 2002.

compartilhados (retuitados), com a intenção de compreender quais os principais discursos enunciados durante o período eleitoral. Em seguida, foram também obtidas uma amostra de 5000 tuítes do período de 01 de janeiro a 29 de junho de 2019, bem como uma amostra de 5000 tuítes apenas para o período de 01 de junho a 29 de junho de 2019, para visualizar quais são os principais temas envolvendo Witzel após ter sido eleito e se houve alguma mudança significativa em relação a sua imagem na rede.

A utilização do Twitter como principal meio para se observar a inflexão na política fluminense se justifica pelo fato de que esta rede, assim como outras plataformas digitais, tem apresentado um papel de relevância na alteração do curso de diversos eventos políticos, como no caso da Primavera Árabe e das eleições norte americanas (Brady et. al 2017). Tal rede pode ser entendida como um campo bastante rico para se observar o comportamento eleitoral, no sentido em que apresenta falas de usuários com posicionamentos políticos diversos — textos que podem ser compreendidos como fontes primárias.

Ao recolher uma amostra tão vasta sobre os temas principais relativos à candidatura e à posterior administração do Estado por Wilson Witzel, é possível analisar de forma sistemática quais foram os temas mais fortes entre os apoiadores e críticos e, assim, compreender de que forma sua candidatura foi construída. Nossa intenção foi, nesse sentido, visualizar quais fatores foram predominantes e quais estratégias foram acionadas, para explicar tal mudança de curso das eleições (e do padrão eleitoral), capaz de levar o candidato, antes desconhecido, à vitória.

Comportamento eleitoral no Rio de Janeiro

O estado do Rio de Janeiro, desde a sua primeira eleição direta para o cargo de governador, em 1982, é historicamente governado por elites oligárquicas políticas, como é possível visualizar na tabela 1, a seguir.

Leonel Brizola, primeiro governador eleito pelo voto direto da população fluminense, após o golpe militar de 1964, já havia sido governador do estado do Rio Grande do Sul entre 1959 e 1963. Anteriormente também ocupou o cargo de Prefeito de Porto Alegre — capital do Rio Grande do Sul — entre 1956 e 1958, além de outros cargos legislativos. Moreira Franco foi deputado federal entre 1975 e 1977 e Prefeito de Niterói, antiga capital do estado do Rio de Janeiro, entre 1977 e 1982. Marcello Alencar havia sido Prefeito do Rio de Janeiro em duas oportunidades (entre 1983 e 1986 e de 1989 a 1993).

Já Anthony Garotinho foi Prefeito de Campos dos Goytacazes, também em duas oportunidades (entre 1989 e 1993 e de 1997 a 1998). Rosinha, apesar de não ter tido experiência prévia, era esposa do governador que estava terminando seu mandato. Sérgio Cabral já havia sido Deputado Estadual (inclusive sendo Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro) e Senador da República, além de candidato a Prefeito do Rio de Janeiro em oportunidades anteriores. Além disso, seu pai, também Sérgio Cabral, foi vereador do município do Rio entre 1983 e 1993 e conselheiro do Tribunal de Contas do Município. Luiz Fernando Pezão foi Vice Governador de Cabral e, antes, Prefeito (por dois mandatos) e vereador de Piraí. Por fim, Wilson Witzel é o único que nunca esteve envolvido com política antes de ser eleito Governador. Witzel é nascido no município de Jundiaí, no estado de São Paulo e foi juiz federal no estado do Espírito Santo — ao norte do estado do Rio de Janeiro — e pedindo dispensa do Poder Judiciário em março de 2018, justamente para concorrer às eleições.

Tabela 1 - Mandatos de governadores do Rio de Janeiro

Nome	Início do mandato	Final do mandato
Leonel Brizola	15 de março de 1983	15 de março de 1987
Moreira Franco	15 de março de 1987	15 de março de 1991
Leonel Brizola ²¹	15 de março de 1991	2 de abril de 1994
Marcello Alencar	1 de janeiro de 1995	1 de janeiro de 1999
Anthony Garotinho ²²	1 de janeiro de 1999	6 de abril de 2002
Rosinha Garotinho	1 de janeiro de 2003	1 de janeiro de 2007
Sérgio Cabral ²³	1 de janeiro de 2007	3 de abril de 2014
Luiz Fernando Pezão	3 de abril de 2014	1 de janeiro de 2019
Wilson Witzel	1 de janeiro de 2019	(atual)

Tabela 1. Lista dos governadores do estado do Rio de Janeiro a partir da eleição de 1982, até hoje, com seus respectivos tempos de mandatos. Elaborada pelos autores.

Contrariando todas as expectativas e análises, como é possível observar na tabela abaixo, Witzel foi crescendo gradativamente ao longo da campanha eleitoral, saindo de 1% e ganhando a eleição com quase 60% dos votos válidos.

²¹ Brizola renunciou ao seu mandato para concorrer ao Senado Federal na eleição de outubro de 1994. Em seu lugar entrou o vice governador Nilo Batista que concluiu o mandato.

²² Garotinho renunciou ao seu mandato para concorrer à Presidência da República na eleição de outubro de 2002. Em seu lugar entrou a vice governadora Benedita da Silva, que tentou reeleição e acabou perdendo para a esposa de Anthony Garotinho.

²³ Sérgio Cabral foi reeleito na eleição de outubro de 2010 e renunciou para que seu vice governador pudesse assumir o cargo, ganhar visibilidade midiática e poder concorrer a reeleição no cargo.

Tabela 2 - Comparação entre pesquisas de intenção de votos em 20 de agosto de 2018 e resultados do primeiro turno no Rio de Janeiro

CANDIDATO	PESQUISA 20/AGO²⁴	RESULTADO FINAL (VOTOS VÁLIDOS)²⁵
Romário Faria	14%	8,70%
Eduardo Paes	12%	19,56%
Anthony Garotinho	12%	_ ²⁶
Tarcísio Motta	5%	10,72%
Índio	3%	5,95%
Pedro Fernandes	2%	6,11%
Márcia Tiburi	2%	5,85%
Wilson Witzel	1%	41,28%

Tabela 2. Quadro comparativo entre a intenção de voto dos oito principais candidatos ao governo do estado do Rio de Janeiro no dia 20 de agosto de 2018 e o resultado da eleição no primeiro turno, dia 7 de outubro. Elaborada pelos autores.

É possível notar que em sete semanas de campanha, Witzel conseguiu crescer seu arco de apoio de maneira surpreendente. O mesmo caso ocorrido com o candidato Romeu Zema, no estado de Minas Gerais, como é possível observar na tabela comparativa abaixo.

²⁴ Ibope Inteligência. "Empate triplo entre Romário, Eduardo Paes e Garotinho marca início da disputa pelo governo do estado do Rio de Janeiro". 20 ago. 2018. **Ibope Inteligência**. Disponível em: <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/empate-triplo-entre-romario-eduardo-paes-e-garotinho-marca-inicio-da-disputa-pelo-governo-do-rio-de-janeiro/> (Acessado em 23 de junho de 2019)

²⁵ inter04.tse.jus.br/ords/dwtse/f?p=176:3:12447864350393::NO:: (Acessado em 23 de junho de 2019)

²⁶ O candidato Anthony Garotinho teve sua candidatura impugnada pelo Tribunal Superior Eleitoral antes da realização do primeiro turno da campanha, após ter sido condenado em segunda instância por improbidade administrativa.

COUTINHO, Matheus. "TSE barra candidatura de Anthony Garotinho ao governo do Rio". 27 set. 2018. **O Globo**. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/tse-barra-candidatura-de-anthony-garotinho-ao-governo-do-rio-23106315> (Acessado em 23 de junho de "2019)

Tabela 3 - Comparação entre pesquisas de intenção de votos em 20 de agosto de 2018 e resultados do primeiro turno em

CANDIDATO	PESQUISA 29/AGO²⁷	RESULTADO FINAL (VOTOS VÁLIDOS)²⁸
Antonio Anastasia	24%	29,06%
Fernando Pimentel	14%	23,12%
Romeu Zema	3%	42,73%
João Batista Mares Guia	3%	0,59%
Dirlene Marques	2%	1,38%

Tabela 3. Quadro comparativo entre a intenção de voto dos oito principais candidatos ao governo do estado de Minas Gerais no dia 29 de agosto de 2018 e o resultado da eleição no primeiro turno, dia 7 de outubro. Elaborada pelos autores.

Eleições e Apatia

Nesta seção vamos abordar o que consideramos chamar de "apatia do eleitor", traduzido pela soma dos votos nulos, brancos e abstenções²⁹. Abaixo uma tabela comparativa desta soma nas eleições de 2010, 2014 e 2018, mostrando um retrato histórico do comportamento eleitoral quanto ao "não voto", uma forma muito clara de expressão de insatisfação para com os políticos postos em cena no quadro eleitoral.

Foram escolhidos os anos de 2010 e 2014 por possibilitarem um olhar com o distanciamento histórico necessário para a análise dos dados em voga.

²⁷ Ibope Inteligência. "Em Minas Gerais, Anastasia e Pimentel crescem quase na mesma proporção e Anastasia mantém liderança na disputa pelo governo". 12 set. 2018. **Ibope Inteligência**. Disponível em: <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/em-minas-gerais-anastasia-e-pimentel-crescem-quase-na-mesma-proporcao-e-anastasia-mantem-lideranca-na-disputa-pelo-governo/> (Acessado em 9 de julho de 2019)

²⁸ G1. "Mapa da apuração por estado". 07 out. 2018. **G1**. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2018/apuracao-estado-governador/1-turno/> (Acessado em 9 de julho de 2019)

²⁹ O sistema eleitoral brasileiro permite que o eleitor vote, mas anule seu voto (podendo votar em um número diferente do apresentado pelos partidos) ou votando em branco. Ambos são desconsiderados do cálculo final, sendo válido apenas o que é chamado de "votos válidos". Para efeitos de investigação, somamos as três somas (brancos, nulos e abstenções) para criar o que chamamos de "índice de apatia do eleitor".

	RIO DE JANEIRO	MINAS GERAIS
2010	31,40%	32,19%
2014	29,29%	29,79%
2018	26,05%	26,15%

Tabela 4. Quadro comparativo mostrando os números das abstenções de voto nas eleições para governador nos anos de 2010, 2014 e 2018, com dados oficiais dos Tribunais Regionais Eleitorais do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Elaborada pelos autores.

A média de "não votantes" nas duas eleições anteriores para governador do Rio de Janeiro foi de 30,34%, quando os candidatos favoritos representavam as oligarquias políticas presentes no estado. Todavia, em 2018, é possível notar um decréscimo considerável de 4,29 pontos percentuais, no índice de "não votantes". Isso pode vir a ser reflexo da insatisfação do eleitor que buscou um candidato fora do espectro oligárquico para garantir o seu voto, caso de Wilson Witzel.

Já no estado de Minas Gerais, a média de apatia foi de 30,99% dos eleitores entre 2010 e 2014, caindo para 26,15% no ano de 2018 - uma redução, portanto, de 4,84%. Movimento idêntico ao ocorrido no eleitorado fluminense e, provavelmente, sob a mesma lógica de votação eleitor, já cansado das oligarquias e da dualidade existente entre os partidos que governaram o estado nos anos anteriores.

Redes, "Onda Bolsonaro" e Inflexão

Para compreender o crescimento de popularidade de Witzel, não captado pelas pesquisas eleitorais, foram observados os principais tuítes do período eleitoral que mencionaram o candidato. Foram coletados, ao todo, 1000 tuítes relativos ao período de 01 a 31 de outubro de 2018, e analisados os 50 com mais retuítes — isto é, aqueles que obtiveram maior número de compartilhamentos.

Sua ida inesperada para o segundo turno e pouco conhecido pelo eleitorado carioca em geral, o juiz do Partido Social Cristão (PSC) foi bastante criticado por perfis mais alinhados à esquerda, por protagonizar alguns episódios polêmicos, tais como a quebra de uma placa em homenagem à vereadora assassinada Marielle Franco, fato ocorrido durante seu

comício, pela divulgação de um vídeo de uma de suas aulas, em que supostamente ensinava como juízes poderiam ganhar gratificações indevidas, além de suas falas em relação a seu programa para a Segurança Pública, com a previsão do "abate" de "bandidos armados". Ainda, seus ex-alunos da UERJ disseminaram, em um manifesto organizado, que Witzel já teria admitido ter interesse em privatizar a Universidade. Em relação a Eduardo Paes, os usuários da rede pareceram ter rejeição pela administração do ex-prefeito, apontando, por exemplo, a obra incompleta do sistema de transportes BRT (*Bus Rapid Transit*) e o "desaparecimento" de vigas da Perimetral durante as obras preparatórias para as Olimpíadas. Entretanto, em geral, os críticos dão a entender que ele teria sido uma opção melhor do que Witzel para o governo do Estado.

Assim como Wilson Witzel no Rio de Janeiro, Romeu Zema (Novo) representaria uma surpresa em um segundo turno contra Anastasia (PSDB). As expectativas trazidas pelas pesquisas induziram à percepção de que a disputa seria entre Fernando Pimentel (PT) e o tucano. Usuários do Twitter, em apoio ao candidato, apontaram insatisfação com a "velha política", sendo Zema uma alternativa ao "establishment", materializado na disputa clássica entre tucanos e petistas. O lema que impulsionou a sua candidatura foi, justamente, a frase "*chega dos mesmos*". Seguindo a "onda Bolsonaro", assim como Witzel, Zema sinalizou com núcleos conservadores ao articular pautas morais em seu perfil na rede, como, por exemplo, ao adotar uma posição contrária à chamada "ideologia de gênero".

A estratégia discursiva adotada pelos apoiadores de Witzel, bem como de outros candidatos do neoconservadorismo, segue um padrão de ativação de discursos moralizantes. Como afirma a pesquisa de Brady et. al (2017), mensagens políticas constituídas por uma linguagem carregada por moralidades e emoções, conseguem se difundir com maior facilidade. Isso significa que o principal achado de tal pesquisa foi o fato de que discursos que contêm mensagens com fortes sentidos de dicotomia entre "certo" e "errado" (*discursos morais*) são mais facilmente compartilhados pelos usuários, em nichos diversos na rede.

Nessa esteira, verifica-se que apoiadores de Witzel no Twitter articularam discursos em que foram atrelados à esquerda problemas decorrentes de um modo específico de fazer política. Os usuários não procuraram atacar os adversários diretos de Wilson Witzel, como Eduardo Paes (DEM) e Romário Faria (Podemos), mas sim, vinculavam estes candidatos à esquerda e à corrupção — ainda que nenhum destes candidatos seja vinculado a partidos de

esquerda. Foi notado, dessa forma, que a maior parte dos tuítes relacionavam os candidatos de tais partidos à velha política, ou a Lula e ao Partido dos Trabalhadores (PT). Por outro lado, Wilson Witzel seria um candidato “alternativo”, no sentido em que não daria continuidade ao que vinha sendo realizado por governos anteriores. O tuíte abaixo, com 496 retuítes, aponta tal construção:

Dois soldados de Lula! Bandidos, levaram o Rio de Janeiro à bancarrota. Paes, o "Nervosinho na Odebrecht, R\$ 15 milhões em propina, liderando as pesquisas, como é possível? Perderam a vergonha na poha da cara? Gostam de bandido? Temos opção: Wilson Witzel 20.

A despeito de algumas críticas envolvendo Witzel, como as traçadas por alguns discentes da faculdade de Direito da Uerj — local em que Witzel dava aulas como professor substituto —, os principais discursos nas menções a Witzel mais compartilhadas seguem, nessa esteira, um padrão bastante determinado: a necessidade de ruptura com a ordem estabelecida, materializada na candidatura de seu principal adversário e ex-prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes. Para os principais atores influentes no debate envolvendo Witzel nesse período no Twitter, a crise da segurança pública e das finanças do Estado foram ocasionadas pela má gestão dos consórcios realizados à época da administração dos três entes da federação pelo PT e pelo PMDB.

Assim, diversos tuítes vinculavam a imagem de Witzel a Bolsonaro e procuraram difundir a compreensão de que, enquanto Bolsonaro mudaria a política e acabaria com o status quo em nível nacional, sendo o principal candidato “anti-establishment”, Witzel repetiria este padrão no Rio de Janeiro, por, em tese, não pertencer a nenhuma oligarquia política e sendo um nome relativamente novo na disputa eleitoral. Outro tuíte bastante compartilhado fala que os intelectuais estariam “descolados” da realidade da segurança pública no Brasil e seriam contrários à candidatura de Witzel, por isso. Nesse sentido, assim como a candidatura de Bolsonaro se baseou no tensionamento em relação ao enfrentamento da criminalidade, os apoiadores de Witzel comemoravam com entusiasmo as diretrizes de recrudescimento penal e maior ofensividade policial de seu candidato.

do governador relativas ao combate à criminalidade com medidas extremamente endurecidas. Em terceiro, aparece o caso de uma informação falsa no seu currículo em que afirmava ter cursado o doutorado em Harvard (2009 retuítes no período analisado).

Por outro lado, apoiadores de sua administração e de seu programa de governo persistem articulando discursos morais (permeados por sentidos de “certo” e “errado”), colocando, ainda, o Partido dos Trabalhadores como o principal inimigo da construção de uma agenda mais enérgica contra o crime organizado. Dessa maneira, com 1122 retuítes, aparece o clamor pela legalização do porte de armas e por mais ofensividade nas operações policiais — agendas de Witzel durante sua campanha. O fato de Witzel ter negado escolta a uma parlamentar do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Talíria Petrone, a qual vinha sofrendo ameaças de morte, foi comemorado por seus apoiadores, também, bem como o incentivo ao “abate” de “criminosos” (665 retuítes no período analisado).

A partir da análise dos tuítes no período de vigência do mandato de Witzel, vê-se que a agenda da segurança pública e demais discursos com carga emocional continuam sendo o principal alicerce do apoio ao governador do estado do Rio de Janeiro.

Conclusão

A arena eleitoral em que se converteram as redes sociais, no Brasil, mostra que a mítica criada em torno dela, há alguns anos, já começou a esvaír-se com seu intenso uso por candidatos e partidos durante as campanhas eleitorais. O ano de 2018 foi um momento de ruptura relevante com as formas de organização das campanhas e publicidades de candidatos, tendo em vista que a legislação eleitoral apresentava brechas e insuficiências para a regulação de campanhas nessa seara, tendo grande parte das sanções e restrições de comportamentos (como a limitação de compartilhamentos de mensagens e de grupos no WhatsApp) implementados durante o próprio período eleitoral.

A inflexão ocorrida no caso do Rio de Janeiro pode ser explicada, de tal maneira, pela vinculação da imagem de Witzel a Bolsonaro que, por sua vez, já possuía uma imagem popularizada pela atipicidade de seu comportamento na política — a despeito de figurar como parlamentar por 28 anos, Bolsonaro não participava dos principais núcleos políticos, nem possuía uma atuação expressiva e relevante enquanto deputado. A “onda Bolsonaro” — provocada pela incorporação de um forte sentimento de apatia política e de desgaste das

instituições públicas e dos grandes partidos, sobretudo devido à Operação Lava Jato e à descoberta de diversos casos de corrupção que tiveram como alvo, principalmente, no Partido dos Trabalhadores ao longo da última década — foi aproveitada por Witzel, bem como por outros candidatos em outros estados, como Romeu Zema. Estes, procuraram construir suas candidaturas como uma forma de renovação política. Nas redes, foi este o principal discurso ativado, neste sentido. Ainda, mensagens fortemente carregadas por sentidos morais, que distanciaram Witzel da “esquerda” — sendo este setor, no imaginário de determinados nichos, vinculado ao modus operandi da dita velha política — e reafirmaram o compromisso do candidato com a erradicação de problemas da segurança pública, permeada por uma linguagem emocional, foram algumas das mais presentes no debate envolvendo o candidato.

Nesse sentido, o estudo aqui realizado procurou demonstrar como a candidatura de Wilson Witzel foi construída e continua alicerçada em discursos emocionais, sobretudo relativos à segurança pública, tendo as redes um papel fundamental para a difusão de sua imagem — fato que seria pouco provável em momentos anteriores, tendo em vista a pouca relevância de seu partido e do seu alcance nos canais de comunicação tradicionais. As redes foram, dessa forma, fundamentais por permitirem a alteração nas formas de comunicação política e ao dar protagonismo a usuários na difusão de mensagens com discursos morais e emocionais, como bem afirma a pesquisa de Brady et. al (2017). O alavancamento de setores conservadores, nesse sentido, tem como fonte a articulação desse tipo de discurso, capaz de acionar nos leitores e demais usuários, emoções negativas, como medo e raiva, o que, segundo a pesquisa mencionada, tem alta capacidade de capilarização.

Referências bibliográficas

Brady, William J., Julian A. Wills, John T. Jost, Joshua A. Tucker, and Jay J. Van Bavel. "Emotion Shapes the Diffusion of Moralized Content in Social Networks." **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 114, n.º. 28 (July 11, 2017): 7313. <https://doi.org/10.1073/pnas.1618923114>.

LEITE, Paulo Moreira. **A outra história da Lava-Jato: uma investigação necessária que se transformou numa operação contra a democracia**. Geração Editorial, 2015.

TELLES, Helcimara. A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protesto antigoverno. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, n. 19, 2016.